

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Alves, Fabiana Aline; Boni, Paulo César

O fotojornalismo e a sucessão de Costa e Silva: a imagem do General Emílio Garrastazu Medici na
revista V eja (1969)

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.
16, núm. 1, enero-abril, 2012, pp. 305-337

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526883018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O fotojornalismo e a sucessão de Costa e Silva: a imagem do General Emílio Garrastazu Medici na revista *Veja* (1969)*

Fabiana Aline Alves **

Paulo César Boni***

Resumo. O fotógrafo de imprensa pode ser entendido como um mediador entre o processo histórico e as demandas sociais, materializando os anseios e expectativas de um projeto social em imagens. Desta forma, o presente artigo compreende como a imagem do General sul rio-grandense, Emílio Garrastazu Medici, foi construída pela cobertura fotojornalística da revista semanal brasileira *Veja* durante o processo sucessório que o elegeu presidente da República. Acredita-se que a imagem construída pelo discurso do periódico antecipa alguns esforços da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) durante o mandato do general. Para tanto, foram analisadas quatro edições do periódico, de 17 de setembro a 8 de outubro de 1969.

Palavras-chave: Fotojornalismo; *Veja*; Emílio Garrastazu Medici; Sucessão presidencial.

Photo-journalism and Costa e Silva's Succession: The image of general Emílio Garrastazu Medici in the magazine *Veja* (1969)

Abstract. Press photography may be apprehended as a mediator between the historical process and social demands. It materializes the expectations of the social project through images. Current research investigates the construction of the image of general Emílio Garrastazu Medici, born in the state of Rio Grande do Sul, Brazil, by photojournalism published by the weekly magazine *Veja* during the succession process that constituted him president of Brazil. It is believed that the image constructed by the magazine's discourse anticipates the efforts of the Special Bureau for Public Relationships during the general's administration. Four issues of *Veja*, between 17th September and 8th October 1969, are analyzed.

Keywords: Photojournalism; *Veja*; Emílio Garrastazu Medici; Presidential succession.

* Artigo recebido em 26/09/2011. Aprovado em 21/12/2011.

** Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UEL, Londrina/PR. Brasil. Bolsista Capes. E-mail: falves.cs@gmail.com.

*** Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UEL, Londrina/PR, Brasil. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br

El fotoperiodismo y la sucesión de Costa y Silva: la imagen del General Emílio Garrastazu Medici em la revista *Veja* (1969)

Resumen. El fotógrafo de prensa puede ser entendido como un mediador entre el proceso histórico y las demandas sociales, materializando los deseos y expectativas de un proyecto social en imágenes. Así, el presente artículo comprende cómo la imagen del General de Río Grande do Sul, Emilio Garrastazu Medici, fue construida por la cobertura foto-periodística de la publicación semanal *Veja* durante el proceso de sucesión presidencial que lo eligió como presidente de la República. Se cree que la imagen construida por el discurso de la revista anticipa algunos esfuerzos de la Asesoría Especial de Relaciones Públicas durante el mandato del General. Para ello, fueron analizadas cuatro ediciones de la revista, que van del 17 de setiembre al 8 de octubre de 1969.

Palabras clave: Fotoperiodismo; *Veja*; Emílio Garrastazu Medici; Sucesión presidencial.

1. Introdução

Por trazerem registros fragmentados do presente, realizados de acordo com vários interesses, compromissos e paixões, os periódicos, por muito tempo, não foram utilizados como objeto de estudos históricos, uma vez que lhes atribuíam valores como “enciclopédias do cotidiano”. Segundo Tania Regina de Luca, os veículos de comunicação “em vez de permitirem captar o ocorrido, dele [do presente] forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas” (2005, p.112). Por isso, as pesquisas historiográficas utilizavam os periódicos apenas como fontes confirmadoras de análises apoiadas em outras documentações e não como fontes de investigação. Contudo, com a ampliação da noção de documento e de temática, a historiografia passou a

utilizar os periódicos como objeto de estudo, pensando na história dos, nos e por meio dos periódicos. (LUCA, 2005, p.118).

De acordo com Maria Helena Rolim Capelato, “a vida cotidiana nela [na imprensa] registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os ‘ilustres’ mas também os sujeitos anônimos” (1988, p.20). É nesta imprensa que se encontram dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, sobre questões políticas e econômicas. Porém, a autora completa que o jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, mas nem por ser permeado de subjetividades se torna uma fonte desprezível – além do mais, nenhum vestígio do passado pode ostentar o atributo de objetivo.

Com a finalidade de mostrar o mundo, sendo testemunha ocular dos grandes acontecimentos, a fotografia conquistou um espaço significativo na vida das pessoas, desenvolvendo-se plenamente nos meios de comunicação impressos. De acordo com Ana Maria Mauad (2005a), o fotojornalismo, especialmente a fotorreportagem, respondeu à demanda de seu tempo. “Um tempo em que a cultura se internacionalizava [...]. Em compasso com a narrativa de imagens, os acontecimentos recuperaram a sua força de representação, a ponto de ser possível contar a história contemporânea através dessas imagens” (MAUAD, 2005a, p.51). Para ela, a geração de fotógrafos que se profissionalizaram, a partir da década de 1930, atuou em um momento em que a imprensa era o meio para se ter acesso ao mundo e aos acontecimentos.

Neste sentido, o presente artigo compreende como o fotojornalismo da revista *Veja* construiu a imagem do General Emílio Garrastazu Medici durante o processo sucessório que o elegeu presidente da República. Com este intuito, foram analisadas quatro edições do periódico, da edição 54, de 17 de setembro, a 57, de 8 de outubro de 1969. A escolha temporal se deve pelo

período abranger desde as primeiras especulações sobre o sucessor de Costa e Silva veiculadas pela revista até a nomeação de Medici como “candidato-presidente” pela Junta Militar. Debruçou-se apenas sobre a seção *Brasil* que, tradicionalmente, abordava as questões políticas do país. Das fotografias disponíveis, 13 imagens foram selecionadas para análise.

Porém, antes de entrar na discussão do discurso construído pela revista sobre a sucessão de Costa e Silva, é importante destacar o papel desempenhado pela imprensa – e pelo fotojornalismo – na construção do conhecimento histórico e explorar o objeto que será analisado por meio de sua história e linha editorial, além do contexto em que foi produzido.

2. O fotojornalismo e a imprensa na construção do conhecimento histórico

Imbricados com os aportes da história cultural, os questionamentos das renovações da história política¹ renderam frutos significativos para a historiografia, especialmente com a utilização da imprensa, uma vez que esta “cotidianamente registra cada lance dos embates da arena do poder” (LUCA, 2005, p.128). Assim, é possível encontrar nos jornais projetos políticos e visões de mundo representativas de vários setores da sociedade, os discursos expressam o movimento das ideias que circulavam em cada época. Percebe-se a aproximação e o distanciamento dos grupos e, conforme as conveniências

¹ Segundo René Rémond (1996), a história política tradicional, que isolava arbitrariamente os protagonistas das multidões, travestia a realidade e enganava o leitor. A nova história política se desvencilha da história de tronos e das dominações para a dos povos e das sociedades, não se limitando à compreensão dos acontecimentos, mas articulando com o contínuo e o descontínuo, combinando o instantâneo e o extremamente lento. A história política deve bastante às trocas interdisciplinares, que ora lhe emprestaram técnicas de pesquisa e tratamento, ora conceitos, vocabulário, problemáticas. “Se o político deve explicar-se antes de tudo pelo político. Em consequência, a história política não poderia se fechar sobre si mesma, nem se comprazer na contemplação exclusiva de seu objeto próprio” (RÉMOND, 1996, p.36).

do momento, os projetos se interpenetram e se mesclam. “O confronto das falas, que exprimem idéias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos” (CAPELATO, 1988, p.34).

Na história política é preciso “distinguir o verdadeiro do falso e escrutar, subindo contra a corrente, a verdade da influência dos poderes públicos e dos diversos grupos de pressão sobre a mídia” (JEANNENEY, 1996, p.219). Para tanto, Jean-Noël Jeanneney acredita que seja necessário estudar o dinheiro, oculto ou não, que irriga a mídia e ainda perceber como funcionam as influências, “as incidências que fazem a máquina ranger e revelar suas engrenagens” (JEANNENEY, 1996, p.220). É necessário que se observem os vínculos múltiplos que aproximam os atores da imprensa dos demais, a fim de que a história política dos meios de comunicação se fortaleça “com um estudo da ‘socialização’ dos homens, da formação de suas opiniões ao longo de seu itinerário particular” (JEANNENEY, 1996, p.222). O autor considera que a história política dos meios de comunicação sempre se encontra com a da política, uma vez que a atividade dos veículos reflete a dinâmica da vida política do país.

Com o fotojornalismo não é diferente. No século XIX, quando os fotógrafos apontaram as câmeras para acontecimentos, nas primeiras manifestações do que viria a ser o fotojornalismo, já havia a intenção de fazer chegar uma imagem testemunhal a um público conforme a intenção do fotógrafo ou do seu financiador, como aconteceu com Roger Fenton². Jorge Pedro Sousa acredita que a atitude do fotojornalismo nos seus primórdios era uma questão de tornar a espécie humana mais visível a ela própria, promovendo a produção e difusão de fotografias com intenção documental de locais distantes e de paisagens. “Visando dar testemunho do que viam,

² Roger Fenton cobriu a Guerra da Crimeia (1854-1855) sem mostrar as atrocidades do conflito, como solicitou o editor do jornal que encomendou a cobertura.

encobertos pela capa do realismo fotográfico, começavam a ambicionar substituir-se ao leitor, sob mandato, na leitura visual do mundo” (SOUSA, 2000, p.27). Assim, ao longo da história, a fotografia de imprensa foi percorrendo um caminho de encontros e desencontros, inter-relacionando-se com o ecossistema que a rodeava em cada momento e alargando o campo de visão dos seres humanos (SOUSA, 2000, p.11).

Nas primeiras décadas do século XX, o fotojornalismo foi ganhando força pela rapidez com que os acontecimentos se sucederam. Para Mauad, o investimento em tecnologia de captação e reprodução das imagens, em tempo cada vez mais exíguo, iria permitir que as fotografias assumissem o papel de difusores de informação (MAUAD, 2005b, p.154). A historiadora acrescenta que o uso de imagens fotográficas, não somente para ilustrar, mas como suporte de informações, chegou a redefinir o padrão gráfico dos jornais e revistas desde o início da década de 1920.

Mauad entende que o fotógrafo de imprensa se torna um mediador entre o processo histórico, as demandas sociais e sua elaboração por meio das fotografias, “recriando nas páginas das revistas e jornais uma complexa narrativa histórica dos fatos e acontecimentos, ao mesmo tempo em que materializa em imagens os anseios e expectativas de um projeto social” (MAUAD, 2005a, p.60). No entanto, para ela, o estudioso da imagem também não pode bancar o ingênuo. Há que tomar a imagem do acontecimento como objeto da história – como documento/monumento –, indo então ao encontro da memória construída sobre os eventos, desmontando-a, desnaturalizando-a, apontando todo o caráter de construção, comprometimento e subjetividade da imagem fotográfica.

Para Boris Kossoy, as fotografias são fontes históricas de abrangência multidisciplinar, sendo apenas o ponto de partida, a pista para desvendar o passado. Elas mostram um fragmento gravado da realidade, que “representa o

congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: da memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza” (KOSSOY, 2009, p.161). É uma fonte de informação e emoção, é memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. “A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida (re) tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem” (KOSSOY, 2007, p.133).

Beatriz de las Heras aponta ser necessário que a história se relacione com disciplinas como a comunicação visual, desde a semiótica, filosofia da imagem, até a sociologia e psicologia da percepção. Contudo, ressalta que o historiador deve criar seu próprio método para afrontar a fotografia como fonte. O estudo deve considerar a imagem como um documento histórico portador de múltiplos significados, levando em conta sua natureza de fragmento e registro documental e, ainda, o momento histórico do ato de tomada. Também se deve realizar uma análise técnica e iconográfica e dar conta de cada um dos elementos que interferem no processo comunicacional: do autor (fotógrafo) ao leitor (espectador), do contexto e filtros que rodeiam a captura e a recepção. Para tanto, acredita que a análise imagética deve ser feita como na arqueologia, tratando a fotografia como um “achado arqueológico”. Conforme Heras:

es una pieza que se localiza, se rescata, se limpia de los posibles restos que impiden apreciar el documento, se determinan sus elementos constitutivos y se detectan las informaciones que contiene para, finalmente, engazarlo con otras teselas de información que nos permitan reconstruir ese pasado a modo de mosaico (2009, p.21).

Heras alerta que a aparente objetividade da fotografia mascara. Então, é preciso dar atenção às possíveis intencionalidades, incorporações, manipulações e persuasões presentes na imagem. Só assim o historiador conseguirá dotá-la da capacidade narrativa para obter discursos visuais por meio da relação estabelecida entre vários instantes. Segundo Heras: “Así superará el instante, el que aporta un único fragmento de memoria, para recrear un proceso narrativo visual que le permita la recuperación de la memoria colectiva” (2009, p.22).

De acordo com Kossoy, além de plenas de ambiguidades, as fotografias são portadoras de significados não-explicitos e de omissões pensadas, calculadas, uma vez que mesmo sendo vinculado ao referente, o testemunho presente na fotografia se acha fundido ao processo de criação do fotógrafo, correspondendo a um “produto documental elaborado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente: registro/criação” (KOSSOY, 2002, p.35). Assim, a fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, o objeto de registro, o contexto da vida passada. É a realidade do documento, da representação, uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora, mas não ingênua ou inocente, contudo, “é o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado” (KOSSOY, 2002, p.22).

3. A revista *Veja* e a o regime político militar

Para o historiador apreender as nuances da imprensa em suas pesquisas é essencial que se debruce sobre o veículo que estuda com intuito de conhecer sua história e seu perfil editorial. Assim, a fim de entender como

a revista *Veja* constrói, por meio de seu discurso fotojornalístico, a imagem do General Medici no decorrer do processo sucessório de Costa e Silva, cabe conhecer melhor o periódico que, recém-criado, havia nascido em pleno regime militar brasileiro. A revista foi criada em setembro de 1968 na capital paulista. Produzida pela Editora Abril e capitaneada por Mino Carta, visava cobrir com profundidade algumas manchetes dos jornais diários. Com isso, o periódico rompeu com o padrão dominante de revista da época, que foi estabelecido há aproximadamente 20 anos, na qual se destacavam as grandes publicações ilustradas, como *O Cruzeiro*, *Fatos e Fotos* e *Manchete*. O exemplo foi seguido por outros veículos como *Isto É*, *Afinal*, *Época*, *Carta Capital*, entre outros.

A nova revista de informação era inspirada nos modelos estadunidenses da *Time* e da *Newsweek*. Para Fernando Lattman-Weltman, o que distinguia *Veja* das outras publicações da época “era a sua proposta editorial intrínseca, ou seja, sua relação com seu leitor-alvo, o tipo de consumo de informação que propunha e a auto-imagem que sugeria (e construía) para seu consumidor” (2003, p.178-179). A revista entendia seu leitor como alguém “moderno”, inserido em um mercado de trabalho competitivo, em um mundo em transformação constante, no qual os desafios e as oportunidades se multiplicavam e se abriam em função da quantidade e da qualidade da informação que se possa acumular e processar. O periódico “pretende que a informação que consome seja inteiramente relevante, absolutamente necessária para se manter em dia com a realidade e efetivamente útil no dia-a-dia” (LATTMAN-WELTMAN, 2003, p.181).

O primeiro número de *Veja* vendeu 650 mil dos 700 mil exemplares impressos. Na edição, a “Carta do editor”, hoje denominado “Carta ao leitor”, assinada por Vítor Civita, apresentava a revista como um veículo de integração nacional, afirmando que o país precisava de informação rápida e

objetiva a fim de escolher rumos novos. Necessitaria acompanhar o desenvolvimento dos negócios, da Educação, do esporte, da religião, da ciência. O país precisaria estar bem informado e este era o objetivo de *Veja*. “Embora o editorial não fizesse referência à conjuntura nacional, e a política não estivesse entre os temas nele listados como relevantes, a revista ficou marcada desde o início por suas coberturas políticas” (VELASQUEZ; KUSHNIR, 2010).

Depois do sucesso da primeira edição, as vendas despencaram, provocando uma grave perda de anunciantes. Segundo Lattman-Weltman, a situação piorou com a decretação do Ato Institucional n.5, que inaugurou “uma ditadura dentro da outra”. “Os problemas de *Veja* com a censura ocorreram já na decretação do ato e a partir daí se tornaram freqüentes. Mas foi também a partir daí que a revista começou a se recuperar, com coberturas de impacto e com a introdução de inovações” (LATTMAN-WELTMAN, 2003, p.178).

Lattman-Weltman (2003, p.186) afirma que *Veja* parece ter passado por duas fases no que tange à censura. De 1968 a 1974, o periódico sofreu uma censura branda e uma censura forte entre 1974 e 1976, momento do governo de Ernesto Geisel – que propunha fazer a distensão política. A censura na revista era feita por meio de telefonemas, de bilhetes e pelo próprio censor, ora na redação ora nos órgãos públicos ou nas suas residências – o periódico mandava o material para ser analisado fora da empresa. Segundo Maria Fernanda Lopes Almeida, as proibições eram repassadas para o Diretor-responsável Edgard de Silvio Faria, “cabia a ele evitar que a empresa sofresse algum processo baseado na Lei de Segurança Nacional” (2009, p.105).

O cerceamento atingiu realmente a revista na década de 1970. Primeiramente a censura era feita por militares, principalmente pelo Segundo

Exército, em São Paulo, e durou cerca de um ano. Depois, os censores eram agentes da Polícia Federal. De acordo com Mino Carta (*apud* ALMEIDA, 2009, p.113), os militares eram mais educados, menos arrogantes e nunca agressivos, diferentemente dos federais, que, para o jornalista, tinham uma postura lamentável e de baixo nível no trabalho censório.

Veja, no período do sistema político autoritário, teve inúmeras edições apreendidas e viveu durante anos tendo que ser aprovada por censores para chegar às bancas³. Segundo Mino Carta, eles não estavam interessados em censurar a revista toda: “exerciam a censura sobre o material político, mas deixavam para lá outros assuntos” (*apud* LATTMAN-WELTMAN, 2003, p.186). Assim, muitas críticas passavam. Além disso, na recuperação dos assuntos censurados na revista realizado por Almeida (2009), percebe-se que as restrições giram muito em torno dos textos, ocasionalmente atingiam algumas capas e praticamente nunca as fotografias.

Sérgio Sade, editor de fotografia de *Veja* na década de 1970 e um dos responsáveis pela valorização da imagem fotográfica no periódico, afirma que não sentiu fortemente a censura, mas sabia que, de alguma forma, ela existia. “A revista era bem agressiva e mesmo assim eu tive fotografias que não foram usadas à época. Hoje, percebo que, em alguns casos, foi uma atitude sensata da revista não provocar os militares, especialmente com as fotografias que os agrediam gratuitamente” (SADE *apud* BONI, 2011, p.245). Afinal, para Sade, de uma forma ou de outra, de um lado ou do outro, todos estavam procurando uma solução pacífica para retornar ao regime democrático.

Para Velasquez e Kushnir (2010), o tom crítico da revista naquela conjuntura pode ser indicativo de uma tentativa de afinar a sintonia com a classe média, núcleo principal do seu público, rejeitando a ideia da imprensa

³ Para denunciar a censura, de acordo com Almeida (2009), *Veja* utilizou alguns recursos como a veiculação de entidades diabólicas e de anjos e, posteriormente, de arvorezinhas – símbolo da editora – nas partes vetadas da edição.

como instrumento do estado e defendendo a preocupação com os “interesses dos leitores”. Estes eram definidos, em termos mercadológico-políticos, “como aqueles que submetem os veículos jornalísticos ‘a eleições livres, diretas e permanentes a cada vez que comprem uma publicação ou a assinam’” (VELASQUEZ; KUSHNIR, 2010).

O projeto editorial de *Veja* apostou na ideia de uma revista de síntese semanal e o seu leitor não teria tempo a perder, não podendo ficar alheio ao que se passava na política, economia, cultura etc precisando estar sempre “bem-informado”. “Ler, nesse caso, nunca é mera atividade de lazer” (LATTMAN-WELTMAN, 2003, p.181). O resultado dessa aposta foi assumir o primeiro posto no *ranking* do setor de revistas. Assim, se, durante o regime político autoritário, a sociedade brasileira sofreu grande transformação, tornando-se primordialmente urbana e industrial, e a televisão assumiu a direção e a hegemonia do mercado midiático, para Lattman-Weltman, “nenhum outro tipo de publicação escrita definiu melhor a fisionomia do novo consumidor médio de informação no Brasil do que a nova revista informativa – e *Veja* em primeiríssimo lugar” (2003, p.182). Atualmente, a revista ainda ostenta esta liderança com uma tiragem superior a 1 milhão de exemplares semanais.

4. A iconologia: uma metodologia para a análise fotográfica

É importante abrir espaço para discutir a metodologia empregada na análise das 13 imagens selecionadas a fim de apontar a imagem construída pela revista sobre o General Emílio Garrastazu Medici no processo de sucessão, em 1969.

A metodologia utilizada será a da iconografia/iconologia, proposta por Erwin Panofsky, integrante da Escola de Warburg, em Hamburgo, na Alemanha, e apropriada por Boris Kossoy – pioneiro dos estudos sobre fotografia no Brasil – para poder ser empregada nas pesquisas com imagens fotográficas.

Kossoy acredita que, pela interpretação iconológica, busca-se decifrar a realidade interior da representação fotográfica, sua face oculta, seu significado. “Se a interpretação iconográfica se situa no nível da imagem, a interpretação iconológica tem aí seu ponto de partida e estende-se além do documento visível, além da chamada evidência documental” (KOSSOY, 2007, p.55-56). Segundo o autor, trata-se da recuperação de diferentes camadas de significação, a interpretação iconológica se desenvolve na esfera das ideias, das mentalidades.

Conforme Kossoy, para entender a construção social da fotografia, é importante perceber os mecanismos para a sua desmontagem. O processo de criação/construção de realidades da imagem fotográfica – enquanto projeções do imaginário social – é o que alimenta conceitualmente, segundo o autor, as reflexões centradas na interpretação iconológica. Assim, acredita-se ser possível aplicá-la à fotografia, apesar de ser concebida para ser empregada aos trabalhos de artes, pois este produto documental se encontra fundido ao processo de criação do fotógrafo, à sua cultura, à técnica e à estética.

Recorrendo à fonte original, nota-se que no enfoque dado pelo grupo alemão, a interpretação da imagem foi diferenciada em três níveis: a descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica. O primeiro é voltado para o “significado natural”, consistindo na identificação dos objetos (árvores, prédios, animais e pessoas) e eventos (refeições, batalhas, procissões etc). O segundo nível, no sentido estrito, é

voltado para o “significado convencional” (reconhecer uma ceia como a Última Ceia e uma batalha como a de Waterloo). Para esta compreensão, Panofsky pressupõe “muito mais que a familiaridade com objetos e fatos que se adquirem pela experiência prática. É necessária a familiaridade com temas específicos transmitidos por fontes literárias, aquilo que os autores das representações liam ou sabiam” (2001, p.58).

O terceiro nível, apontado por Panofsky e o principal, é a interpretação iconológica, que se distingue da iconografia por ser voltada para o “significado intrínseco”. É a busca pelo conteúdo “apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados em uma obra” (PANOFSKY, 2001, p.52).

Pepe Baeza (2001) também sugere a utilização da iconologia⁴ de Panofsky para a análise específica das fotografias veiculadas na imprensa. O autor afirma que a aproximação com as imagens mediáticas se estabelece pragmaticamente às adaptações precisas a cada caso. Baeza aponta que, na maior parte das aplicações, privilegia-se o uso, a intencionalidade comunicativa e o peso do contexto para acometer a análise das imagens da mídia. “Creio que o valor destes signos é menor frente à carga significativa que oferecem, o ‘para quê’ foi produzida uma imagem e o contexto em que se produz e difunde” (BAEZA, 2001, p.166).

⁴ Burke (2004, p.50-51) alerta que o método iconográfico tem sido criticado por ser muito intuitivo e especulativo, pela falta de dimensão social – indiferença ao contexto social – e por seus praticantes não estarem dando suficiente atenção à variedade de imagens. O autor enfatiza que os historiadores precisam da iconografia, porém, devem ir além dela. “É necessário que eles pratiquem a iconologia de uma forma mais sistemática, o que pode incluir o uso da psicanálise, do estruturalismo e, especialmente, da teoria da recepção” (BURKE, 2004, p.52).

5. *Milito, Medice, Medici*: a imagem do novo presidente em *Veja*

O General Emílio Garrastazu Medici⁵ era desconhecido do público quando assumiu a Presidência, em 1969. Diferentemente de seus dois antecessores, Castelo Branco e Costa e Silva, que foram figuras destacadas nos acontecimentos de 1964, Medici era um militar profissional, que, segundo consta em diferentes referências, opôs-se categoricamente à escolha de seu nome para a chefia do governo e que só cedeu por razões de dever militar. Segundo Thomas Skidmore, Medici se tornou presidente não porque os seus eleitores militares acreditassem que ele tinha a visão ou os conhecimentos necessários ao cargo, mas porque “era o único general de quatro estrelas que podia impedir o aprofundamento da divisão que lavrara no Exército” (1988, p.211).

Quando assumiu o poder, aos 64 anos, Medici tinha uma biografia típica de militar do denominado “exército do Rio Grande”. Segundo Elio Gaspari, o general fazia parte de uma turma de oficiais sul-rio-grandenses que raramente deixam aquele Estado e, com frequência, serviam na cidade em que nasceram e se casaram. O militar passou metade de sua carreira no Rio Grande do Sul e serviu duas vezes em sua cidade natal, sem a agitação e a futrica que estariam presentes em alguns centros do exército. Era ainda mais reservado, pois enquanto os colegas participaram das crises nos anos 50 e em 1961, “Garrastazú era o silêncio da orquestra. Sua única atribuição foi burocrática” (GASPARI, 2002, p.126).

Medici nasceu em Bagé e pertencia a uma família abastada, era filho de comerciante de origem italiana e de uma rica herdeira de família basca. Era

⁵ Nas referências pesquisadas, a grafia do nome do general aparece de distintas formas, como Medici, Médice e Milito, como era chamado apenas por algumas pessoas íntimas. Neste trabalho, a grafia adotada será a assinada pelo oficial e utilizada pela *Veja*, Medici. Assim como Garrastazu será apresentado sem acento, seguindo a revista e diferentemente de Gaspari (2002).

um caso raro de militar rico, porém mantinha hábitos simples. Mesmo que taciturno, era estimado como calmo e solícito. Falava muito de futebol e nada de política. Este foi um dos principais motivos para a sua escolha como sucessor de Costa e Silva.

A sucessão aconteceu em meio a um período conturbado por conta de problemas de saúde do então presidente. Em agosto de 1969, Costa e Silva se encontrava gravemente enfermo em consequência de um derrame que o deixou paralisado. No mesmo dia do anúncio do problema, em 31 de agosto, os Ministros Militares Aurélio de Lira Tavares, do Exército; Augusto Rademaker, da Marinha; e Márcio de Sousa e Melo, da Aeronáutica, reuniram-se e editaram o AI-12, oficializando a investidura na Presidência da República de uma junta constituída pelos três, a denominada Junta Militar, e marginalizando o vice-Presidente Pedro Aleixo, substituto constitucional do presidente impedido. Aleixo, além de civil, tinha se oposto à implantação do AI-5 o que o tornou incapaz, para os militares, de dar continuidade ao novo regime.

Sônia Dias (2011) aponta que a crise política inaugurada com a doença de Costa e Silva foi agravada no dia 4 de setembro seguinte, quando um grupo de esquerda, de oposição armada ao regime, sequestrou o Embaixador estadunidense no Brasil, Charles Burke Elbrick, exigindo como resgate a libertação de 15 presos políticos.

Desde o início da crise surgiram especulações em torno de uma possível indicação do General Medici para substituir Costa e Silva. Conforme Dias (2011), o nome do general seria a solução natural encaminhada pelo Presidente Costa e Silva, caso ele pudesse coordenar a própria sucessão, uma vez que ele era o Comandante do III Exército, sendo automaticamente o mais forte candidato. Embora desconhecido do grande público, Medici adquirira

grande prestígio no meio militar por sua atuação à frente do Serviço Nacional de Informações (SNI).⁶

A edição de número 54 da revista *Veja*, de 17 de setembro de 1969, já questionava quem seria o novo presidente. Nas primeiras páginas da reportagem – de um total de quatro – existem quatro fotografias (Figura 1): uma aberta, ocupando grande espaço no miolo das duas páginas espelhadas, e três pequenos retratos, tipo $\frac{3}{4}$, de prováveis substitutos. A fotografia grande mostra a Junta Militar depois de uma visita a Costa e Silva, na qual se discutiu justamente a sucessão. A matéria é intitulada *Discute-se a sucessão* e, abaixo do título, a linha fina especulava: *O diagnóstico de um médico francês sobre a doença do Marechal Costa e Silva poderá dar ao Brasil um novo Presidente. Quem seria ele? Entre o texto e a fotografia grande estão as três imagens pequenas, sendo respectivamente Garrastazu – como Medici era conhecido no exército –, Geisel e Syzeno*⁷. Segundo a legenda, depois do encontro entre a Junta e o governante enfermo, os nomes dos possíveis sucessores emergiram. O retrato de Medici, por sua vez, é o primeiro e está exatamente entre a linha fina e imagem maior. Isto conota que ele estaria à frente na disputa. A revista começa a apontar, em seu discurso visual, quem seria o provável sucessor mesmo em um momento de incerteza.

Soma-se ainda o fato de o general ser o único a olhar para a frente, bem como os integrantes da Junta Militar também foram fotografados de frente, enquanto os demais concorrentes não apresentam o rosto inteiro. Geisel e Syseno são mostrados de perfil, já Medici tem o rosto na mesma

⁶ Medici, no novo regime, tornou-se adido militar junto à Embaixada em Washington. Dois anos depois, já no Brasil, assumiu a subchefia do Estado-Maior do Exército para a direção do SNI. Quando recebeu a sua quarta estrela, em 1969, foi nomeado Comandante do III Exército do Rio Grande do Sul, cargo que ocupou até ir à Presidência. (SKIDMORE, 1988; GASPARI, 2002).

⁷ Existiam ainda, ao lado de Medici, cinco candidatos fortes à sucessão presidencial: o General-de-divisão Afonso Albuquerque Lima; o General Antônio Carlos Murici (ou Muricy); o General Orlando Geisel; General Sisenio Sarmiento (ou Syzeno); e o General Aurélio de Lira Tavares.

posição dos membros da Junta, conotando certa harmonia entre eles. Assim, mesmo com os olhares estando em direções distintas, aparentemente os quatro caminham na mesma direção.

Figura 1: Nomes dos possíveis sucessores surgem depois da visita da Junta Militar a Costa e Silva



Fotografia: O Estado de S. Paulo. Fonte: Veja, n. 54, 17 set. 1969, p.18 e 19

Na edição seguinte (n. 55, 24 set. 1969), a reportagem contou com seis páginas, com duas vinhetas na forma da interrogação (que também foi utilizada na capa) e nove fotografias – sendo seis retratos de oficiais e políticos e as outras três tratam de reuniões ou encontro de militares, no caso o Alto Comando do Exército (Figura 2), o Conselho do Almirantado e a outra destacando o General Garrastazu Medici (Figura 3).

A matéria *A revolução dentro da revolução – a crise que nasceu da má sorte e da doença do presidente pode ter iniciado um movimento mais forte dentro da Revolução* trata das inúmeras reuniões que os militares realizaram para nomear o novo presidente e, sobretudo, para discutir as falhas do regime, uma vez que este entrou em crise

quando o seu líder não pôde mais comandar o país. O texto arrola nomes de possíveis sucessores e tenta tratar os candidatos com certa igualdade de chances na sucessão e de potencial para assumirem o cargo, mas o discurso fotojornalístico é diferente. Das três fotografias que mostram as reuniões, em duas em destaque é dado a Medici. Na primeira (Figura 2), a imagem retrata uma reunião do Alto Comando do Exército e quem está em destaque é ele. Seu semblante é sério e, aparentemente, ele discute com alguém do seu lado – provavelmente sobre questões que cercam o regime. Os demais militares também debatem em pequenos grupos ou com pessoas que não estão à mesa de reunião, assim, aparentemente, não há uma discussão uníssona que envolva os oficiais presentes. Neste contexto, é a imagem do General Medici que tem destaque, pois parece ser a liderança, o personagem sério e o mais compenetrado da reunião. Dentre os componentes da mesa, a imagem evidencia que ele seja, possivelmente, o mais capacitado para o cargo, já que demonstra a força que a crise precisava. Gaspari confirma a força presente nas atitudes tomadas e decididas pelo general. De acordo com o autor, “havia na natureza reservada uma surpreendente vocação para a força” (GASPARI, 2002, p.129), afinal, seu mandato foi marcado por uma conduta de inúmeros cerceamentos, das mobilizações populares à imprensa; pelo grande número de prisões e, sobretudo, pela tortura.

Justamente para tentar minimizar este aspecto, a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP)⁸, que foi fundada em 1968, buscou durante o governo Medici construir a imagem do general como um homem comum e não um militar severo. A entidade fez com que a face do general se tornasse rapidamente conhecida dos brasileiros como peça central de uma astuta estratégia de relações

⁸ Tratava-se de uma ofensiva de relações públicas do Planalto que desde o surgimento, em 1968, era chefiada pelo Coronel Octavio Costa. O objetivo era criar um único centro de propaganda do governo, já que, anteriormente, cada órgão governamental tinha o seu próprio setor publicitário. “Os homens do coronel Costa transformaram a AERP, que não conseguira decolar no governo Costa e Silva, na operação de RP mais profissional que o Brasil já vira” (SKIDMORE, 1988, p.221).

públicas. Transmitia-se a mensagem de que o Brasil estava velozmente se transformando em potência mundial, graças aos 10% de crescimento econômico e à intensa vigilância do governo contra os negativistas e os terroristas. “Muitos brasileiros naturalmente concluíram que o aumento do poder nacional com o rápido crescimento da economia era *resultado* do autoritarismo vigente.” (SKIDMORE, 1988, p.221). Sobre a imagem específica de Medici, Skidmore assinala que sua imagem foi associada ao esporte, à família, ao progresso, entre outros. “Uma das técnicas mais eficientes da AERP consistiu em associar futebol, música popular, presidente Medici e progresso brasileiro. Medici era excelente material para tal campanha. Adorava posar de pai e era fanático por futebol. A AERP explorou ambas as preferências” (SKIDMORE, 1988, p.223). Observa-se, então, que a revista *Veja*, antes mesmo da posse do general e de sua imagem ser trabalhada pela AERP, estabeleceu a imagem do militar com algumas das características que seriam exploradas nos anos seguintes – como se verá a seguir.

Figura 2: Reunião do Alto Comando do Exército



Fotografia: Agência Jornal do Brasil (AJB).
Fonte: *Veja*, n. 55, 24 set. 1969, p.16 e 17

Figura 3: Medici, como em 1964, gostaria de continuar “às ordens do chefe”



Fotografia: sem crédito. Fonte: *Veja*, n. 55, 24 set. 1969, p.18

A terceira imagem (Figura 3) da reportagem do dia 24 de setembro de 1969 é dedicada ao militar sul-rio-grandense. Retrata o oficial no centro de uma mesa acompanhado por uma mulher e outro militar – visivelmente há outras pessoas na mesa, mas não é possível identificá-las. Trata-se de alguma

feita, pois é notável o arranjo no centro, os pratos, copos e garrafas sobre a mesa, porém o que chama a atenção é que um jovem, aparentemente sem farda completa ou então com um traje tradicionalmente gaúcho, que cumprimenta o general apesar da informalidade da situação. Medici não retribui o cumprimento – ao menos não foi registrado pela fotografia –, mas olha para o homem, demonstrando que ele percebeu a saudação. Seu semblante, novamente, é sério, não há nenhuma forte emoção evidente, assim como não há um sorriso ou mostra de satisfação pelo cumprimento e reconhecimento do jovem.

A legenda é, contudo, algo significativo na imagem. Diz: “Garrastazu Medici: como em 1964, gostaria de continuar ‘às ordens do chefe’”. O texto que ancora a fotografia se refere ao fato de o general não querer, a princípio, assumir o cargo. Há ainda a referência ao ano de 1964, quando as forças armadas assumiriam o comando nacional. Na ocasião, o general não atuou na linha de frente das atividades dos militares. Esta era uma postura comum a Medici: apoiar a causa sem estar entre os principais articuladores, os conhecidos do grande público. Isto aconteceu em vários momentos da carreira em diferentes conflitos do exército, como os da década de 50, em 1961 e em 1964, e a implantação do AI-5 – nos bastidores, ele foi um dos grandes defensores do ato. Tanto que, segundo Gaspari (2002, p.126), poucos acreditavam que ele conquistasse a quarta estrela, uma vez que não há nenhum relato que o aproximasse dos antijanguitas.

A revista, com essas duas últimas imagens, apresenta ao público – que possivelmente não conhecia Medici – um homem forte e respeitado, um militar de referência entre os oficiais e entre quem o conhecia. Provavelmente, um bom líder para uma “revolução” que, depois de cinco anos, procurava re-encontrar seu rumo, afinal a sua seriedade e comprometimento seriam fundamentais para concretizar este objetivo.

Mesmo antes do anúncio oficial de Medici como “candidato-presidente”, no dia primeiro de outubro de 1969, a *Veja* dedicou a capa da edição número 56 ao general, com a manchete: *Quem é Garrastazu Medici* (Figura 4). A imagem o traz devidamente fardado e sentado em uma cadeira de madeira entalhada, o que conota se tratar de um assento importante. O general aparece com o olhar dirigido ao horizonte, com a expressão de quase um sorriso e seu rosto está bem iluminado. Assim, a revista constrói a imagem de um militar já de posse do posto que deseja, neste caso, o da Presidência da República. Ele parece estar satisfeito com a situação e o discurso do periódico, pela imagem que optou publicar, parece também estar. A capa apresenta também um retrato menor de Albuquerque Lima – principal rival do general na sucessão – do lado esquerdo de Medici, cobrindo a cadeira. Entretanto, ao contrário da imagem do outro militar, está cabisbaixo e sua expressão conota que ele não está contente, parecendo viver uma derrota. O discurso visual de *Veja* trata, então, a sucessão como decidida: enquanto Albuquerque aparece derrotado, Medici já está de posse de um importante posto, representado pela cadeira.

Figura 4: Quem é Garrastazu Medici



Fotografia: sem crédito. Fonte: *Veja*, n. 56, 01 out. 1969, capa

Figura 5: Sucessão, como chegar à unidade



Fotografias (da esquerda para direita): Folha de S. Paulo, AIB e Adão Nascimento. Fonte: *Veja*, n. 56, 01 out. 1969, p.20 e 21

A reportagem – *Sucessão, como chegar à unidade* –, apesar de abordar os nomes mais cotados para substituir Costa e Silva, trata especialmente de Medici, mas continua tentando tratar todos os candidatos com igualdade. Ele, segundo a reportagem, é o nome forte da sucessão – como aponta a legenda –, tanto que nas páginas de abertura da matéria havia grande imagem do oficial entre dois pequenos retratos de Orlando Geisel e Albuquerque Lima (Figura 5). Medici, na fotografia, desce uma escadaria vestido de terno e gravata, carregando uma pasta e olhando para baixo, um tanto pensativo e como se não visse o fotógrafo. Esta é a primeira vez que o general é apresentado pela revista com trajes civis. Depois de mostrá-lo como um militar respeitado, o discurso da revista começa a tentar aproximá-lo do público civil como um homem popular. É o início da construção da imagem do general como um homem comum, que gosta de esportes e se preocupa com a família igual a maioria dos brasileiros – como já foi apontado, esta seria a principal estratégia adotada pela AERP sobre a imagem do presidente durante seu mandato até 1974.

Além disso, a pasta carregada por Medici remete a trabalho, como se estivesse trabalhando enquanto os dois opositores o observam. Desta forma, o sucesso do general no processo sucessório é dado como certo pelas imagens da revista, diferentemente do apontado pelos textos que tratam os concorrentes de forma igualitária. A reportagem também traz muitas imagens e muitos temas além dos substitutos, como as doenças que afastaram outros presidentes e as relações dos militares com os políticos, em um total de 12 páginas.

A fotografia do general, a seguir (Figura 6), apresenta-o ao lado do Ministro Delfim Neto, que, segundo Skidmore (1988), revelou-se à nação na pasta da Fazenda no governo de Costa e Silva. “Sua manutenção na pasta da Fazenda significava a continuidade da aplicação de suas políticas econômicas tão bem sucedidas [...] e tão controvertidas” (SKIDMORE, 1988, p.212-213). Era justamente isto que questionava a legenda: “O Ministro Delfim Neto e o General

Garrastazu Medici: a mesma política?”⁹ A dúvida é fortalecida pela fotografia publicada por *Veja*, pois a expressão facial de Delfim Neto com as sobrancelhas levantadas aparenta incerteza enquanto o general conversa com ele. Esta incerteza pode se referir a várias questões, como se a política econômica continuaria igual, se a parceria entre os dois se manteria, ou até mesmo acerca de outros pontos da conjuntura política nacional. Por outro lado, a imagem pode transmitir um entrosamento entre eles, como se houvesse cumplicidade, uma vez que estão sentados muito próximos, um dando atenção ao outro. Acredita-se, assim, que, apesar das incertezas, o alinhamento entre eles seria mantido e a política econômica seguiria o mesmo caminho que já tomara no governo de Costa e Silva.

Nas páginas seguintes, a revista destina espaços especiais à história e a opiniões do general e de Albuquerque Lima. Como era de se esperar, Medici foi o primeiro a ser apresentado pelo periódico. Enquanto o outro perfil conta com apenas uma fotografia, o do general possui três. São imagens de sua trajetória como oficial (Figura 7). A primeira o traz aos 12 anos de idade com a primeira farda; a segunda o apresenta servindo na Revolução de 1930, a favor de Getúlio Vargas; a terceira o mostra como comandante do III Exército, em 1969. Assim, antes mesmo do anúncio oficial do substituto, *Veja* volta a apresentar ao seu público o provável novo presidente como sendo um oficial forte em relação aos outros concorrentes, um profissional que dedicou a vida aos deveres do exército, não se aproximando de acontecimentos políticos ou polêmicos. Fortalece-se a imagem de Médici como um profissional de carreira do exército, com uma longa trajetória que começou na infância e chegou aos mais altos cargos, afastando o futuro presidente dos políticos, tanto dos políticos militares do momento como dos políticos civis. O general seria, de acordo com *Veja*, um homem pouco ligado à política – tanto que, após o seu mandato, poucas vezes Garrastazu voltou ao cenário político nacional e nunca como protagonista de uma campanha eleitoral.

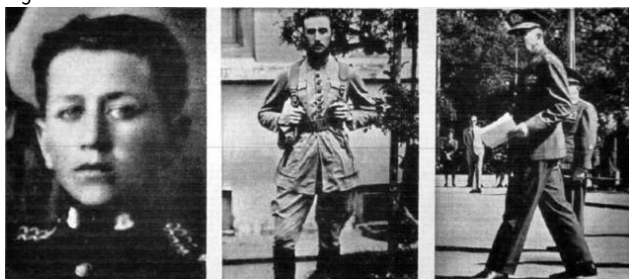
⁹ Delfim Neto continuou na pasta e foi um dos responsáveis pelo “milagre econômico brasileiro” na época.

Figura 6: Ministro Delfim Netto e o General Emílio Garrastazu Medici



Fotografia: AJB. Fonte: Veja, n. 56, 01 out. 1969, p.23

Figura 7: Três momentos da carreira militar de Medici



Fotografia: AJB. Fonte: Veja, n. 56, 01 out. 1969, p.25

Depois de mais de um mês de discussão, em 6 de outubro de 1969, Medici concordou em assumir o cargo e indicou para a vice-presidência o Almirante Augusto Rademaker, então Ministro da Marinha e membro da Junta Militar. Dois dias depois do anúncio oficial do general como “candidato-presidente”, a revista (n.57, 8 out. 1969) tratou das sensações de ter um novo governante naquela primeira semana de outubro, que lembrava as anteriores a 1964, quando, no período democrático, havia eleições diretas no país. O título da matéria é *Um clima de 3 de outubro*. O texto faz uma síntese do processo de escolha do sucessor de Costa e Silva, avalia a história de Medici e levanta as expectativas em torno da escolha.

É a primeira vez na revista que as fotografias têm um espaço maior – ou ao menos igual – ao do texto verbal. Nas páginas espelhadas de abertura são cinco: três com o General Medici já recebendo tratamento presidencial e dois retratos de seus parceiros do Alto Comando, os Generais Muricy e Geisel. Das três que o trazem com postura de presidente, a primeira o demonstra sendo recebido por várias pessoas, sobretudo mulheres, no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre (Figura 8). Na segunda, conversa com o General João Batista Figueiredo (à direita), apontado na legenda como o futuro Chefe da Casa Militar (Figura 9). Já na fotografia maior (Figura 10), o “candidato-presidente” recebe mais cumprimentos, agora de homens e em uma imagem com menos elementos visuais, mais “limpa”. Aparentemente Medici está acompanhado de outros homens e recebe o cumprimento de alguém que não estava no mesmo lugar que ele – pois há uma grade semelhante a um camarote, um lugar reservado e de entrada restrita –, podendo ser um civil.

Figura 8: Medici é recepcionado como presidente



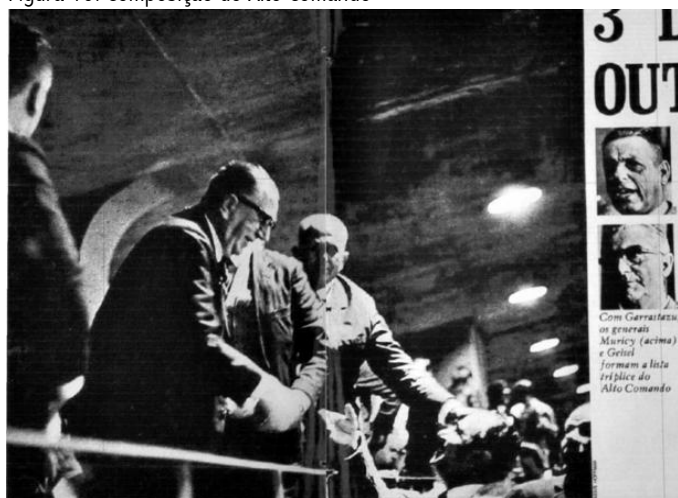
Fotografia: Daltro Carvalho. Fonte: Veja, n. 57, 08 out. 1969, p.18

Figura 9: Medici com o general João Batista Figueiredo



Fotografia: Daltro Carvalho. Fonte: Veja, n. 57, 08 out. 1969, p.18

Figura 10: Composição do Alto Comando



Fotografias: Assis Hoffmann e AIB (dois retratos). Fonte: *Veja*, n. 57, 08 out. 1969, p.18 e 19

Com este conjunto de fotografias a revista agrega à imagem do general o aspecto de popularidade tanto entre oficiais respeitados – como Figueiredo – como entre civis. Médici é apresentado como alguém simpático, receptível aos cumprimentos da população. Novamente a ideia de um homem popular, mesmo estando prestes a assumir o posto mais importante nacionalmente, é enfatizada pela narrativa fotográfica de *Veja*. O periódico conota também com esta série que, mesmo ainda não oficialmente eleito pelo Congresso Nacional, estava fechado por conta do AI-5, implantado em dezembro de 1968, o general já era tratado como o novo presidente do Brasil. A oficialização, contudo, só aconteceria em 25 de outubro, com sua eleição pelos congressistas.

A própria *Veja* já trata Médici como presidente. Tanto que destina quatro páginas a fotografias de arquivo de sua família. São, no total, 15 imagens que trazem sua família, na figura do pai, da mãe, dos irmãos (Figura 11), dos avós, da esposa, dos filhos (Figura 12) e dos netos (Figura 13); sua infância e juventude; e sua trajetória no exército, no Colégio Militar, na Revolução de 1930 (Figura 12), quando se torna general e nas atividades burocráticas como coronel (Figura 13).

Figura 11: A vida de Emílio, um soldado (parte 1)



Fotografias: sem crédito. Fonte: Veja, n. 57, 08 out. 1969, p.21

Figura 12: A vida de Emílio, um soldado (parte 2)



Fotografias: sem crédito. Fonte: Veja, n. 57, 08 out. 1969, p.22 e 23

Figura 13: A vida de Emílio, um soldado (parte 3)



Fotografias (de cima para baixo e da esquerda para direita): AIB, Correio do Povo e sem crédito (duas últimas). Fonte: Veja, n. 57, 08 out. 1969, p.24

As legendas traçam a história de vida do novo presidente do Brasil, sua vida pessoal e profissional. Com isto, a revista apresenta, mais uma vez, o militar que assumiria o posto de comando mais alto do país, mas agora ele

Diálogos, v. 16, n.1, p. 305-337, jan.-abr./2012.

é apresentado como um homem de conduta familiar, que brinca com os netos. A revista desvincula o general dos políticos e militares que lideravam o país – sobretudo da violência do governo anterior – e o aproximava da população, corroborando com a construção da imagem de um homem popular. Nada parecido com o militar de um regime de governo autoritário, no qual a repressão e a censura eram a razão principal de não haver oposição popular e até mesmo política. “Visto pelas aparências, o governo Medici foi de relativa calma. Não houve marchas estudantis, piquetes de trabalhadores em greve, nem comícios com a costumada oratória demagógica. Ou, pelos menos, nada que o grande público pudesse ver ou saber” (SKIDMORE, 1988, p.214). A AERP explorou sua imagem aliada à paixão pelo futebol, à música popular, ao progresso e à imagem de pai. Assim, *Veja* deu uma prévia de como a imagem do general seria construída quando presidente.

6. Considerações finais

Na imprensa é possível encontrar projetos políticos e visões de mundo representativas de vários setores da sociedade. Nota-se a aproximação e o distanciamento das falas conforme as conveniências do momento. As páginas dos jornais e revistas expressam o movimento das ideias que circulavam em cada época, em cada comunidade. Assim, tanto por meio dos textos quanto das imagens, os meios de comunicação se tornam fontes históricas relevantes para a construção do conhecimento histórico.

No caso da cobertura fotojornalística de *Veja* sobre a sucessão presidencial de Costa e Silva, é perceptível o favoritismo do General Emílio Garrastazu Medici no discurso fotojornalístico da revista. Os textos tentavam

tratar de forma igualitária – quando possível – os “candidatos”; por sua vez, as imagens sempre apontaram para a preferência pelo nome do general (Figuras 1, 4 e 5). E, com o passar das edições, a imagem de Medici foi sendo construída por meio da narrativa visual realizada pelo periódico, enquanto os textos discutiam a sucessão. A princípio, a revista o apontava, principalmente, como um homem forte, sério, respeitado pelos seus pares, e comprometido com as causas do exército, mas não com a política (Figuras 2, 3, 6 e 9). Isto era importante à sua imagem, pois o distanciava da má reputação conferida aos políticos da época. Ainda durante o processo sucessório, sua imagem foi ganhando contornos de bom filho, marido e pai, inclusive de ser receptivo com a população (Figuras 10 e 11). Médici seria, confirme a revista, um homem popular e comum. As imagens de arquivo fortalecem esta concepção mostrando um jovem que sempre quis ser militar e que se dedicou à carreira sem se esquecer da família e dos filhos (Figuras 7, 11, 12 e 13). A fotografia em que brinca com os netos é muito representativa neste sentido (Figura 13).

A *Veja* consegue antecipar a seu público alguns pontos da imagem de Medici que serão explorados no decorrer de seu mandato pela AERP. Afinal, ele se vai se tornar um dos grandes incentivadores da seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol, em 1970. Por vezes, durante seu mandato, a imagem do presidente será mais atrelada ao esporte do que à censura, à tortura e à repressão (SKIDMORE, 1988). Seu governo, aparentemente, é calmo, diferentes dos anteriores que enfrentaram uma forte oposição. Com isto, a revista mostrou-se, diferentemente do seu discurso textual e de alguns referenciais teóricos que a colocam como forte opositora do regime militar, mais atrelada a alguns dos interesses do poder governamental e menos ao projeto editorial anunciado na primeira edição. É claro que não se pode descartar o papel da censura vivido naquele período, porém, acredita-se que o cerceamento este muito mais próximo aos textos do que às imagens; talvez, por

este motivo, no processo sucessório presidencial de 1969, observa-se a diferença de discurso entre as fotografias e os textos, que tentam tratar os “candidatos” de forma igualitária na disputa enquanto as imagens desde o início conotam a vitória de Medici.

Percebe-se, então, como os leitores de *Veja* do período podem ter construído a imagem do “candidato-presidente” a partir do enfoque dado somente pela revista, sem uma reflexão mais aprofundada sobre o novo comandante do Brasil. É notável que as fotografias podem trazer informações que os textos tentam escamotear ou tratam com menos ênfase. Assim, verificou-se até mesmo a antecipação de alguns elementos que se tornariam emblemáticas no perfil de Medici. É inegável, portanto, a importância de os historiadores e pesquisadores em geral se debruçarem sob os mais distintos periódicos a fim de compreender nuances do sistema político, social e cultural de uma época determinada, enriquecendo as discussões sobre os temas e possivelmente as ampliando em diferentes âmbitos.

Referências

- ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. *Veja sob censura: 1968-1976*. São Paulo: Jaboticaba, 2009.
- BAEZA, Pepe. *Por una función crítica de la fotografía de prensa*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- BONI, Paulo. O paranaense que ajudou a escrever a história do fotojornalismo no Brasil: entrevista com Sérgio Sade. *Discursos Fotográficos*. Londrina, v.7, n.11, p.235-271, jul./dez. 2011.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

DIAS, Sônia. Verbete: Emílio Garrastazu Medici. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Fundação Getúlio Vargas. 2011. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acessado: 10 mar. 2011.

GASPARI, Elio. Milito, Medice, Medici. In: *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.125-137.

HERAS, Beatriz de las. *Imágenes de una ciudad sitiada*. Madrid 1936-1939. Madrid: Ediciones JC, 2009.

JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.213-230.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LATMAN-WELTMAN, Fernando. VEJA: *status*, informação e influência política. In: ABREU, Alzira Alves; LATMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora. *Eles mudaram a imprensa: depoimentos aos CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.

MAUAD, Ana Maria. Flávio Damm, profissão fotógrafo de imprensa: o fotojornalismo e a escrita da história contemporânea. *História*. São Paulo, v.24, n.2, p.41-78, 2005a.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.13. n.1. p.133-174. jan./jun. 2005b.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.13-36.

SKIDMORE, Thomas. Medici: a face autoritária. In: *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Trad. Mario Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.211-213.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 2, n.54, 17 set. 1969.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 2, n.55, 24 set. 1969.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 2, n.56, 01 out. 1969.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 2, n.57, 08 out. 1969.

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves; KUSHNIR, Beatriz. Verbete: Veja. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Fundação Getúlio Vargas. 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acessado: 17 mai. 2010.

